

Clima econômico muda

Econômico-Brasil

12 NOV 1991

Algo está ocorrendo na economia brasileira, trazendo a impressão de que uma recessão com a qual estamos realmente convivendo desde 1983 — apenas escondida por choques ilusórios — começa a se tornar aceitável. A recessão, certamente, não constitui o remédio ideal, mas se sabe que os países que tiveram de passar por uma fase de reajuste dificilmente conseguiram safar-se dela. O drama, no Brasil, é que durante anos coabitamos inutilmente com a recessão, começando, porém, a receber agora alguns sinais de que os sacrifícios poderão, finalmente, oferecer resultados positivos.

Sente-se hoje, no caso da agricultura, por exemplo, que o clima econômico está mudando. Os agricultores, que começam a acreditar na vinda dos recursos governamentais, já estão reagindo, não só ampliando a área plantada, como também adquirindo mais máquinas agrícolas e tratores.

Pode-se esperar uma safra maior no próximo ano. Apesar de uma situação em que não existe nenhum estoque regulador, espera-se que os preços dos produtos agrícolas comecem a cair ou, pelo menos, parem de subir, como resultado das próximas colheitas.

Na indústria, não se pode ignorar os fatos que a afligem. Dolorosos embora, quando provocam redução do nível de emprego, cumpre reconhecer que se traduzem por uma diminuição dos custos de produção pela melhoria da produtividade, que acabará resultando na attenuação dos preços oferecidos aos consumidores finais. Até agora, as empresas industriais têm procurado manter suas margens de rentabilidade, o que se explica apenas pelo receio de uma volta do congelamento. Mas, desde que o governo resista e não dê

sinais de desânimo ante um aumento da taxa de inflação — que poderá até ser inferior à prevista

, logo haverá uma redução dos preços. Por seu turno, o andamento do processo de privatização está certamente contribuindo para mudar o clima psicológico, ainda que não se realize da melhor maneira. Tem, porém, a vantagem de revalorizar o esforço das autoridades fazendárias para controlar os gastos públicos e conseguir comprovar que o governo está partilhando dos sacrifícios exigidos da população.

Resta resolver um problema: o da situação cambial. Ainda que se registrem alguns progressos quanto ao fechamento de câmbio, ele está longe de corresponder às expectativas das autoridades monetárias. Os exportadores esperam ainda uma desvalorização que poderá tardar. Mas, certamente, no dia em que o Brasil conseguir fechar um acordo com o FMI e com os bancos credores, pode custar caro uma reação sadia da parte dos exportadores. Aliás, a recessão prolongada e não programada para este final de ano está levando as empresas a tentar ampliar suas exportações. Cumpre ao governo manter seus controles e se aproveitar desta nova perspectiva econômica para que se consolidem as esperanças atuais.

